

NÃO,  
não nos acostumemos,  
não nos acostumemos com palavras escassas de  
medula,  
ocas por dentro e por fora.  
não nos acostumemos  
com palavras com corpos de lâminas.

embrutecimento:  
a normalidade é  
inaceitável, meu amor.

a cada segundo que a vida normal dilacera,  
rude,  
devorando corpos, proliferando calos,  
morre em nós a sutileza,  
aquela vastidão que não se compra.

não nos acostumemos com a indelicadeza.  
a manchete do dia: aniquilaram tantos,  
tantas,  
alguns nem entraram na conta.  
e agora um intervalo comercial:  
para esquecer a raiva na saliva,  
para esquecer que esquecemos tanto  
e nem sabemos mais o que lembrar ao acordar.

enquanto isso,  
a palavra liberdade  
perambula  
pelas ruas  
e enfia a mão  
em todas as gargantas  
pelas quais já passou,  
à procura de uma substância, significado,  
pelo menos uma  
fibra  
firme,  
como se uma pipa  
olhasse  
para trás  
para confirmar  
se há alguém que segura sua  
linha.  
e o que a palavra liberdade encontra,  
estreiteza pronta,  
não dá conta  
do que ela ainda pode ser.

um temporal começa,  
as pipas se escondem,  
um carro espalha a  
poça  
de  
chuva  
nas pessoas no ponto de ônibus.

fale com o motorista apenas o indispensável,  
diz o aviso  
no ônibus  
que não explica o significado  
de indispensável.

não nos acostumemos a dispensar o  
indispensável apenas por  
não  
nos lembrarmos o  
que é indispensável.

indispensável é caminhar.  
perguntar: tem alguém aí?  
tem alguém aqui?  
indispensável é a corrente de ar.

as pessoas andam com fuzis entre os dentes,  
entre os feixes de carne das pupilas.  
desarmar ainda é indispensável, amor.  
e a cada segundo que a vida normal dilacera,  
rude,  
devorando corpos, proliferando calos,  
morre em nós a sutileza,  
aquela vastidão que não se compra,  
aquela água que em nós germina.

não nos acostumemos com o arame farpado  
que nasce tanto de fora pra dentro quanto de  
dentro pra fora.  
não nos acostumemos com as distâncias,  
fartura de afastamento,  
terra ociosa no espaço  
entre a palavra e o passo.  
e cada segundo desacostumado  
desdobra em nós a sutileza,  
a poesia,  
aquela vastidão que não se compra,  
aquela água que em nós germina,  
aquela ternura voraz.

ATO POÉTICO CONTRA O ANALFABETISMO POLÍTICO  
- POR ANDRÉ GRAVATÁ -  
AGRADECIMENTOS A TODAS E TODOS QUE, NAS REDES  
SOCIAIS, COMPLETARAM A FRASE "QUE NÃO NOS  
ACOSTUMEMOS COM..." E ASSIM COLABORARAM NA  
COMPOSIÇÃO DESSES VERSOS.